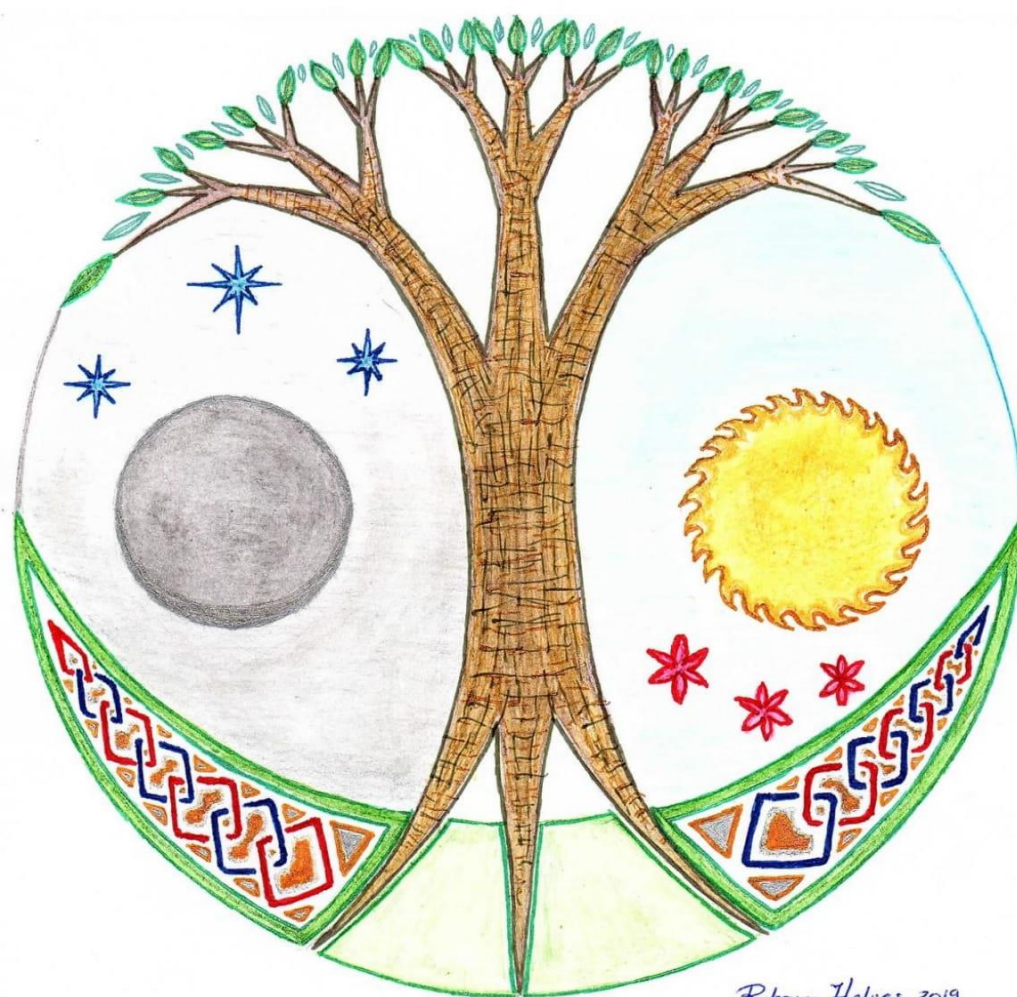


O meditar das Árvores



Ribeiro halves

O MEDITAR DAS ÁRVORES

**Vinte sete breves baladas e
uma brevíssima canção de sonhar**

Ribeiro Halves

Um brevíssimo meditar, a título de apresentação...

Este livro é uma coletânea de 27 poemas, compostos entre os anos de 2008 e 2014, com clara inspiração celtista. Ele é composto por uma série de poemas que, à medida em que surgiam, foram publicados em meus blogs poéticos: “O Canto Novo” e “Os Cantos Novos 2”.

Esta série de poemas nasceu de uma vivência com as palavras e os outros seres, percebendo a estreita relação que há entre palavras e seres. Entre as palavras e as árvores, entre elas e o mundo hiper-real. Dessa maneira, bem depois de sua publicação no blog, na con-vivência com os poemas, percebi paulatinamente que havia implícito neles um conjunto de linhas em comum, fios tecidos por afinidades e particularidades, formando um total de seis grupos temáticos. Tais grupos somados a um texto em prosa sobre ‘a poética celta’, que serviu de introdução do meu livro “Novo Nove Tryskeles” (2011), surgido a partir da provocação de um sonho que tive na madrugada do dia 03 de janeiro de 2006, pude perceber finalmente o conjunto: as árvores, suas folhas e a floresta. Eis aí as 27 ‘breves baladas’ e a ‘brevíssima canção de sonhar’, nascida do sonho.

Quero muito agradecer ao Prof. José Manuel [Katuró] Barbosa, de Ourense (Galiza). O meu singelo livro ganha em muito com a sua introdução. Suas palavras são um desvelar, por entre a erudição e a sensibilidade, da minha poesia... O livro ganha muito com as generosas palavras do professor. Gratidão, querido mestre: muito obrigado.

No mais desejo que esta árvore, digo livro, com suas folhas e flores, possa ser um (e)terno meditar em torno daquela sabedoria que há em cada palavra e por toda a parte: o tecer de ancestralidades, sempre plurais, na poesia que somos.

Ribeiro Halves (Revdo. Eduardo Henrique)

Paulista, 25 de julho de 2018

Dia Nacional do Escritor

Dia Nacional da Galiza

A jeito de “Introitus” para um poemário priscilianista

Em 385, Prisciliano morreu decapitado ao pé da Porta Nigra de Aquisgrão. Era a primeira vez na história que um cristão morria por ordem de outro cristão que neste caso era o chefe da igreja. Aquele homem, sábio e bom, feminista e fiel à filosofia que chegou de Palestina na que se predicava o amor ao próximo, a paz, a irmandade entre os humanos e o desprezo de toda violência, mas também fiel às suas raízes galaicas e portanto célticas e druídicas, foi levado à sua terra uma vez morto. Nunca se soube com certeza onde ele estava enterrado mas um grandíssimo cúmulo de suspeitas dá para acreditar que aquele homem santo, discípulo de Delfídio, o diretor da Escola Druídica de Bordéus, era o que estava no túmulo da cidade de Compostela, capital atual da Galiza.....

A história ocultou aquele personagem durante séculos sob a forma dum discípulo de Cristo da mesma forma que tem ocultado tanta verdade mas o seu espírito e a sua filosofia ficou nos galegos que ainda a dia de hoje continuam praticando na sua vida diária aquelas crenças provenientes dos seus ancestrais célticos. Essa transmissão, que liga os galegos à sua Terra granítica e a uma conceção telúrica da existência, transformou, mesmo, uma energia linguística proveniente do Lázio itálico em uma das línguas mais viçosas do nosso planeta que por acasos da própria história ficou como quinta língua da humanidade embora como uma língua atacada na parte norte do seu território natal: Na Galiza.

A figura do nosso querido “herege”, travestida por imperativo legal e doutrinal em Santiago o Maior, ficou para sempre esquecida, até as épocas contemporâneas em que tudo se questiona e tudo se descobre. No entanto, a nossa língua, proveniente de aquele latim nascido no centro da Itália mas alterado na antiga Gallaecia, levou a expressão dos celtas galaicos pelo mundo, transformado numa língua neolatina que hoje falamos e escrevemos um importante número de pessoas no mundo, incluídos brasileiros e galegos. Nessa viagem própria do Trezenzônio (1) ou de São Brandão, chegou àquela suposta Ilha da eterna juventude conhecida com o nome de Hy-Breazil e ali aquela língua, velha, que ainda retumba poderosa no ADN dos não menos velhos galaicos, fez-se jovem e poderosa para sempre. Chegou ao Além —o nosso Sidh— e num processo de reciclagem próprio do processo de transmigração das almas acabou por se converter numa língua pujante qual borboleta saída da sua crisálida (2). Desde a Ilha de Hy-Breazil cresceu e multiplicou-se para dar beleza ao mundo no que outras línguas, não célticas mas tocadas pelo espírito dos celtas partilhavam e ainda partilham um lugar de privilégio: o inglês, o castelhano, o francês... seguiram os caminhos do sol-pôr e também encheram o mundo de uma celticidade mais ou menos oculta.

Em todo este percurso, em todo este evoluir, o espírito dos velhos celtas galaicos, cheio de panteísmo, de mística ancestral, de funda religiosidade, amante duma natureza viçosa de árvores sagradas (3), de animais fantásticos,

de culto reconhecido aos elementos que criam a vida mexidos pelos espíritos feéricos que fazem o Fogo, que provocam o fluir da Água, que geram o zoar do Ar e que dão fertilidade à Terra continuam impregnando a dia de hoje nem só as Terras do noroeste ibérico mas também de aquelas Terras, outrora longínquas, imaginadas pelos antigos como Ilhas onde chegavam as almas dos mortos (4). Essa mística, esse priscilianismo latente e ancestral, oculto no nosso vernáculo, panteísta e eterno, esse conhecimento do mundo dos Mouros (5), do Além, tingem a poesia do nosso amigo Ribeiro Halves que a dia de hoje dá a luz a estes poemas saídos da sua mente druídica. As suas palavras diriam-se, como se de uma reencarnação se tratasse, próprias do veterano Amergin Glúingle (6), o do Joelho Branco, quando em viagem às terras do norte, desde o País dos Mortos (7) invoca os elementos para controlar aquela trovoadra mítica que o povo de Dana lançou contra os Milesianos (8) provenientes da atual região de Bergantinhos dos ártabros no NW da Galiza, com o fim de poderem entrar na verde Terra de Eirin, Fotla e Banba, os três nomes da Irlanda para semearem, propalarem e povoarem o espírito do nosso ancestral Breogão.

O priscilianismo galaico e panteísta da poesia do nosso amigo Ribeiro Halves nasce, também, como herdeiro da antiga lírica galaico-portuguesa cuja celticidade nos é demonstrada e reafirmada por autores como Fátima Figueiredo (Figueiredo, F.: 2015: 13-38) (9) ou Luísa Borges (10). O culto à Natureza que nos transmite desde a música celestial da nossa língua comum, e nem só pela harmonia naturista da cadência que resulta da sua recitação, mas pelo apelo aos instrumentos e ao misticismo profundo e funda religiosidade que visa uma simetria total e elegante entre a ação criativa, as crenças antigas e a mensagem Crística, quando não é a manifestação de uma esperança vital e otimista por recuperar a espiritualidade passada, aparentemente perdida, mas talvez também futura, ligada ao ancestral com o sentir do porvindouro no afã atemporal de recuperar as essências dos experimentos ascéticos que superam tempos e espaços.

É a poesia do amigo Ribeiro Halves uma posta em valor de transmigração das plenas almas antigas até o dia de hoje, presente caduco em valores. É, portanto, uma Ressurreição de entre os mortos que nunca estiveram mortos mas vivos nos nossos corações de celtas imortais. Raízes e ancestralidade como desejo, verdade ocultada por infames inquisidores desvelada pela mensagem eterna de bondade e de identificação com o espírito divino, natureza incontornável ao tempo e às modas, silenciosa, mas à espera de que o ser humano a descubra no seu cerne sagrado do que nunca se afastou e mensagem de luz que brilha no silêncio e na meditação interior que se evidencia na sobriedade florida destes versos. Todo esse mistério é o recipiente guardado nos lugares inacessíveis das nossas almas de humanos onde sós com o nosso interior em marcha, podemos descobrir no fundo do nosso coração atlântico.

Essa soma de elementos é que dá vida a este poemário marcado pelo sentimento galaico ancestral mas brasileiro por herança genética natural; celta e nativo, de pertença à Terra, de telurismo matricial, de espiritualidade profunda, de misticismo e positivismo, de exercício da oração poética aos quatro elementos nascido do Uno, do culto à vida e ao ser humano como fruta da mãe Terra, de transcendência espaço-temporal, de energia vital e vitalismo emanado da

fortaleza divina, de sacralidade e de pertença à mãe Cailleach. Este rico poemário é desfrute da vida integrada com o conceito de felicidade, de esperança, de proteção.... É, em resumo, uma árvore (11), um Hy-Breazil santificado e ungido com as raízes na ancestral Gallaecia dos nossos celtas mas com o seu fruto nas cálidas e harmoniosas Terras onde o Amazonas rega e enche de vida o nosso mundo comum.

Bem haja!! Prisciliano vive!!!

José Manuel (Katuru) Barbosa.
Barra do Minho (Ourense)
A Galiza

Referências:

1. São Trezenzônio: <https://en.wikipedia.org/wiki/Trezenzonio>
2. <http://despertadoteusono.blogspot.com/2014/04/desabafo.html>
3. <http://despertadoteusono.blogspot.com/2011/06/relacao-entre-o-brasil-e-o-mundo.html>
4. https://books.google.com.br/books?id=P0wsvRRkr6AC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r#v=onepage&q&f=false
5. https://pt.wikipedia.org/wiki/Moura_encantada
6. https://en.wikipedia.org/wiki/Amergin_Gl%C3%BAingel

<https://www.youtube.com/watch?v=QyfV7tdmTqg>

Eu são o vento no mar
Sou uma onda no oceano
Sou o rugido do mar
Sou o Touro das sete lutas
Eu sou um corvo nos alcantis

Sou uma pinga de geada
Um valeroso javali
Sou salmão numa lagoa
Eu sou um lago na antiga chaira (planície)

Sou uma montanha num homem
Sou uma verba com destreza
Sou a ponta duma lança
Sou o deus da inspiração

Quem venceu a escarpada montanha
Quem anuncia as fases da lua
Quem diz onde cai o sol-pôr?
Quem chamou o gado da casa de Tetis

A quem sorriem as estrelas que emergem do mar
Feitiços de lança? Feitiços do vento.

7. Na mitologia irlandesa (Leabhar Gabhala) chama-se País dos Mortos à costa cantábrica da Península Ibérica e nomeadamente à atual Galiza donde partiram as expedições repovoadoras dos Milesianos. Na atualidade, a costa noroeste da Galiza recebe o nome de Costa da Morte...
8. [https://en.wikipedia.org/wiki/Milesians_\(Irish\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Milesians_(Irish))
9. Figueiredo, Fátima: Marcas celtas nas cantigas de amigo In Atas das Jornadas das Letras Galego-Portuguesas 2012-2014. Ponte Vedra. 2015
10. Borges, Luísa: Para uma arqueologia poética da Finisterra galaico-portuguesa. Palestra dada em Pitões das Júnias em 26 de maio de 2018 nas VII Jornadas Galego-Portuguesas.
11. Citação do texto de Afonso Daniel Rodrigues Castelão sobre a importância da árvore para os galegos: Sempre em Galiza. Através Editora. Santiago de Compostela. 2010. pp: 140-141

A árvore é o símbolo do senhorio espiritual da Galiza.

A árvore é um engado dos olhos, pela sua formosura; é uma ledice dos ouvidos, porque nela cantam os pássaros; é um arrolador do espírito, porque nas suas pólas conta contos o vento.

A árvore dá-nos fruta, que é um manjar composto pelo mesmo Criador, para regalia do nosso paladar: o derradeiro bem que nos ficou do Paraíso perdido.

A árvore pede água ao céu para que a terra tenha sangue, vida e bonitura.

A árvore dá-nos sombra fresca no Verão e a quentura garimosa no Inverno.

A árvore dá-nos as traves, o sobrado e as portas da casa. Dá-nos a cama, o armário dos lençóis e a amassadeira do pão. Dá-nos o berço, o báculo da velhice e a caixa para baixar à terra.

A árvore dá-nos o papel barato que nos traz quotidianamente as novas do que se passa no mundo.

Vale mais uma Terra com árvores nos montes que um Estado com ouro nos Bancos.

A calvície dos montes galegos é uma terrível acusação contra o Estado unitário.

As árvores são as minas galegas que nós saberemos explorar quando a nossa Terra for nossa.

A repovoação florestal será o património da nação galega e o melhor poupança da coletividade.

Na nossa Terra dão-se as melhores árvores.

No dia em que soubermos o que vale uma árvore, naquele dia não teremos necessidade de emigrar.

Dentro da noite, no sono... o sonho: *“Alguém me mostra um antigo codex, percorrido por imagens. Este alguém me diz que tal livro trata-se de um ‘velho tratado’ de poética celta. Olho então para as imagens, que em movimento, parecem evocar uma espécie de sabedoria cinética... De alguma forma ciente da importância do texto imagético tento capturar seu significado, inutilmente. Mas, uma imagem fixa-se em minha memória: o desenho de um pêndulo, a descrever seu movimento, entre um lado e outro da página estabelece a ‘poesia’; ao passo que quando parado o ‘silêncio’”*. Acordo. Com a lembrança da imagem.... Anoto em meu caderno de sonhos a data: 03 de janeiro de 2006.

A poesia celta é um perpétuo movimento, vento... que balança o seu mensageiro, pendurado na janela da nossa alma. Um fugaz instante entre um e outro... a tilintar seus acordes e acordos, laços a unir o perene do mo(vi)mento e fugacidade do (e)terno. Para os celtas, os poemas são brisas, córregos e labaredas... a correr entre campos, campinas e prados... cervos, corvos e salmões... javalis, carvalhos e fontes... rios, lagos e mares... ao sabor das brisas, vendavais e tempestades...

Permanente mutação das formas, como as nuvens que, sempre sendo elas mesmas, são sempre outras: o que antes evocava um carneiro torna-se depois um castelo, uma borboleta, um rosto... um camelo, uma flor, um monte... dragões, barca, nuvem... Diante dos olhos inspirados, as nuvens revelam a poética: um devir das formas a evocar algo que permanentemente nos foge, escapa: horizonte onde o arco-íris esconde o pote de ouro dos gnomos. Sempre preciosa... e rara. Mágica. A poesia nasce desse perpétuo movimento do hálito do vento a dizer seus encantos: exortações, lembranças, narrativas...

Em torno da fogueira, o bardo en-canta com sua lira os antigos poemas da poesia antiga; mensageiro que balança e embala os sonhos, re-encanta o mundo, presenti-fica a mudança permanente da poesia: no hálito da recitação, movimento da sua respiração, inspiradamente ele re-movimenta aquilo que em silêncio havia nas almas... movimentando corações e mentes, sentimentos e memórias, emoções e reflexões. Transfigura o mundo: constrói asas ao recitar ao vento as odes, tão conhecidas, criando raízes que sustentam seu clã. Aqui, o pêndulo vai de um canto a outro... tecendo sua trajetória: a poesia.

Daí talvez a ausência de poesia escrita entre os celtas, antes do cristianismo. Mais que um tabu cultural ou uma interdição literária, nem uma apropriação do exercício poético por parte dos bardos; a poesia celta sendo movimento como poderia ser ‘parada’ em escrita? Sabedores dos poderes da palavra escrita, os celtas entregavam ao vento sua lírica e épica. Eles sabiam a perene sabedoria que diz que se ‘palavra mata, o espírito vivifica’. Espírito que entre celtas, gregos e hebreus é sempre vento, hálito, movimento. Como ‘de-finir’, dar um fim, ao que é devir? Como aprisionar aquilo que não se pode deter? O vento, assim como a luz, não pode ser agarrado, apenas acolhido.... Como diria aquele bardo

contemporâneo: *“The answer, my friend, is blowin' in the wind; The answer is blowin' in the wind.”* (Bob Dylan)

I

CANÇÃO DE TALIESIN

“Pessoas são paisagens...” (Sabedoria Arcana)

“Não a nós, Senhor, não a nós, mas ao teu Nome dá glória, por amor de tua benignidade e da tua verdade.” (Salmo 115. 1)

Sob uma velha árvore, depois de caminhar léguas, o Ancião contempla um fio de sol romper as brumas... e descortinar a paisagem da Ilha Encantada, a Casa da Floresta e a Capela; então ele canta:

Eu sou um mar
aonde deságua
as veias da terra;
um campo em flor
que a brisa
recolhe perfumes;
eu sou a chama
de uma vela
que teima em
espantar a escuridão
da noite sem lua.
Eu sou uma árvore
que abriga
animais fecundos;
sou uma cachoeira
que desperta
os sonhos das pedras;
uma fogueira
que revela
os segredos da madeira;
eu sou uma nuvem
que passa e se con-
forma em várias
formas e... chove.

(...)

Eu sou várias
coisas, mas El()
que oculto se revela,
dentro e por meio
de tudo e em tudo,
em mim, é o que importa...
Por isso, não a mim,
Senhor, dá glória;
mas a harpa
que em mim canta:
desentranhando das coisas
o que é importante;
a Luz que ilumina,
e não a que cega.

CANÇÃO BÁRDICA

Fiz de minhas tripas
uma lira antiga e diáfana
para com ela semear
canções de ventos e brisas.

Fiz de meu peito
uma gaita soante e forte
para saudar ao pleno sol
emoções mais vivas.

Fiz de minha pele
um tambor arcaico e grave
para tocar a terra (inteira)
melodias de flor e carvalho.

Fiz com minhas mãos
abençoada elegia (druídica)
para que a chuva chegue
sem ocultar luar e estrelas.

Fiz de meu corpo (por completo)
o Corpo de todos os deuses
para que possamos, em uníssono,
cantar à Vida Plena...

Para só assim, por fim, fazer silêncio

(abrigo de toda palavra e canto)
um lugar con-sagrado aos seres,
como o cantar dos Bardos Antigos.

SAMHAIN

Por entre as brumas, o vento nos fala
de outros tempos, outras brisas...
o fogo ilumina os passos daqueles
que passam pelas trilhas,
enquanto os portais se abrem
aos que nunca deixaram a senda...

Na superfície do lago da alma
a bruma dos tempos passa...
e a luz dos caminhos se abre
aos pés dos peregrinos
anunciando pela voz dos bardos
a memória de nossa tribo,
a lembrança de outros tempos,
a esperança de novas Eras.

Diante da luz que nos alumia,
vivo entre os vivos, festejamos
a ressurreição das vozes que somos:
ancestrais acordes de uma harmonia
no telúrico coração humano.

HY BRASIL

Ao vasto oceano
estende-se vagas
ondas de terra.

Derruídas eras
onde perene deita
o ditar da brisa.

É nela onde o silêncio
eco solar no viço
das florestas antigas

e onde vento repousa
à flor das águas
o sentido dos ciclos,

onde afloram os veios
dos rios do paraíso
- as veias da terra -

que perenes regam
o crepúsculo dos inícios
e o vasto mar dos dias.

Ao largo horizonte
estende-se em testemunho
arquipélagos de sonhos...

submersos de memórias:
Ancestrais gaivotas
despertam golfinhos futuros.

A CRUZ E O CÍRCULO (*A Cruz Celta*)

Por entre o Círculo do perene,
onde o centro está em toda parte
e a circunferência em parte alguma,
a Cruz repousa dinâmica
e se con-verte em árvore da Vida.

Nela floresce o imóvel ponto,
a movimentar estrelas e astros...
nela está circunscrito o Fruto
do mutável destino humano;
em um só tempo laço e abraço,
encruzilhada e encontro.

KENNINGS

No tempo em que sonhávamos,
nós éramos despertos...
Vestíamos a noite insone
com a luz das auroras,
dos jasmims e mariposas;

povoada de sussurros.

Nós tínhamos raízes,
robustas e fortes,
cobrindo todo o espaço;
qual nuvem de pássaros
ou cardumes de folhas.

Andávamos com as árvores
e tecíamos as chuvas
com o delicado sereno
das madrugadas desertas;
habitadas de crepúsculos.

Nós sabíamos do fogo,
sua vida obscura,
e amávamos suas brasas
espalhadas pela terra;
centelhas de raios voando
ao sopro de vaga-lumes.

Deitávamos, solenes, as pedras
no leito dos rios e fontes
como quem semeia a lua
sobre o sangue da fêmea;
ou ao mar recolhe a lágrima
do doce olhar das crianças.

No tempo em que sonhávamos,
nós éramos despertos
e as palavras dormiam
na carne de nossas almas...
e o Espírito brincava (todo dia),
dançava na Sua presença
e se alegrava com os homens.

II

PEDAGOGIA NATURAL

A terra em seu silêncio de paisagem e colinas,
no arpejo da brisa a bailar árvores antigas...
fala-nos daquela verdade que sempre existe
a rebrilhar em cada coisa e por toda parte.

Ela nos diz (silente) de suas irmãs estrelas,
nossas mães solares, e de sua sabedoria antiga;
constelada em seus brilhos a cintilar por vastos espaços.
Fala-nos, também, do Mistério que está escrito
nos grãos de areias de todas as praias;
esses pequeninos livros que, volume após volume,
tecem o tear e o tecido da vida.

(...)

Fala-nos em tudo: no movimento dos rios
e no repouso dos lagos...
na imobilidade das serras e no devir das dunas...
no ir e vir dos ventos,
nas estações das flores e chuvas;
nas mudanças perenes da lua...

Ela fala em sussurro, quase silêncio...
como aquele que cabe em uma estrela,
em uma rosa desabrochando
em poema a ser escrito,
em uma folha em branco(...)

(...)

O que ela nos fala
está no mundo oferto...
e inscrito
no coração humano.

DA TERRA

Saber da Terra sua trilha,
conhecer seu seio
acolhedor e perene,

ser com ela sempre:
amigo, irmão, amante.

Saber seu poder, ternamente,
aquilo que há de rocha
e resistência (sua força antiga),
o que rompe o vento
e acolhe as águas com fúria.

Mas também saber da Terra
aquilo que passa... duna.
O que sustenta o fogo e úmida recobre:
vento aberto ao curso das águas,
(lago, fonte, chuva)
a ondulante areia ao sabor das brisas.

Saber da Terra seu sabor,
aquilo que há de maduro, seu fruto:
as estações e os vulcões,
os terremotos e os carvalhos,
bosques e colheitas,
o sal que tempera os mares.

Saber da Terra sua maternidade,
o ventre e o cálice, a estrada aberta,
o sentido oculto da terra
a guardar a semente, a florir das frutas;
o que nos sustenta os passos.

Enfim, saber da Terra sua materialidade;
o aprendizado constante das montanhas...
o sentido das campinas, o horizonte das praias.
Aquilo que se move, aquilo que fica:
o berço de toda vida, útero de toda dádiva.

DA ÁGUA

Sorver o fluir, lento...
em gotas de chuva,
orvalho, lágrima...
o que se estende
acima como nuvens
ou se estende

abaixo como riacho... mares.

Lunar elemento
entranhado na carne...
o que lento modela,
paciente e persistente,
o leito dos rios,
o duro da terra,
os espaços dos ares...

Saber da água
seu sabor preci(o)so
e delicado
em acordo íntimo
com a terra e os ares...
a turvar o espelho
do lago,
a tocar um doce
acorde no telhado...
a denunciar
a emoção repousada
em tua face.

DO AR (*O Vento*)

No ar aprender
o sentido da liberdade...
o que não pode conter
pois em tudo está contido,
o que tudo envolve
e nos percorre;
amniótico elemento
que nos alimenta.

Saber do ar
pomba só asa,
ave só vento,
oceano só onda;
duna inconsútil, invisível,
aonde nos movimentamos...
e somos;
o possível som
em pleno silêncio.

Movediço...
O mais líquido
dos elementos,
o primeiro e o derradeiro
dos signos
a gritar em nós...
choro e suspiro.

DO FOGO

Dos seres, o mais vivo,
bicho em puro calor e luz;
flamejante.

Saber do Fogo, seu sabor quente,
aquilo que queima
ilumina e arde.

O Fogo, serpenteante ser,
irmão da Terra, filho do Ar,
das Águas é aquilo que gera,

o que faz nascer, quente,
mutação de tempos
em aeons de chamas.

NA PENUMBRA DO TEU CORAÇÃO...

Na penumbra de teu coração,
caverna de fogo e água,
deita tua carne fatigada
na relva serena da terra...

E vê o murmurar das ondas,
vozes de tantos cantos,
a dizer do ir e vir da vida
no fluir tranquilo
do imenso;

Escuta o silêncio das pedras,
sua solidão e firmeza de rocha,

aquilo que permanece e dita
a idade das Eras, as trilhas antigas...

Deixa que o vento te abrace
e agite teus cabelos e sonhos:
ele sabe coisas do ar e do tempo,
coisas de longe... e de tão perto.

Ouve no silêncio da noite
aquela palavra que nos falta
e d-escreve serenamente
a poesia possível da graça.

Diante do árido barulho
da tempestade que ameaça
confia no vagar das ondas,
no vai e vem do oceano.

Se a solidão te acompanhar
vela entre estrelas e a lua;
canta ao vento, dança na chuva...
e acompanhado celebra tua vida.

Por isso, a vida é uma oportunidade;
um convite aberto ao horizonte,
uma possibilidade de encontro entre
nós e o coração da terra: tua carne.

III

ORAÇÃO AO VENTO

*Ao Alento de Deus, hálito
que alimenta
a fornalha do peito,
onde arde e movimenta
o sopro das palavras
Divinas,
eu lanço ao tempo
uma breve prece
ao misericordioso Deus:*

Que a brisa sopra
e enxugue tuas lágrimas,
que o vento varra
a poeira das estradas,
que a ventania desfaça
a névoa de teus olhos.

E que a tempestade
ao chegar, logo passe,
e somente desfaça
o penteado das jovens.
E que a bruma abra
apenas ao mistério
que a envolve,
em sereno orvalho.
E que seja aragem
aquilo que nos comove,
a espantar da alma
a cinza e a morte.

Amém.

BENÇÃO À ÁRVORE *(quando do plantio)*

Deus criador,

dador de toda vida,
pai-mãe da Terra
e das estrelas;
abençoe e guarde
esta pequena árvore,
para que ela se torne
robusta e bela.

Sê abençoada
pequena árvore
com uma longa vida
cheia de graça;
testemunho
da dádiva divina.

Abençoada sejam
tuas folhas,
o teu tronco,
(as tuas flores,
os teu frutos,
as tuas raízes;
que tua sombra seja amena
e tua presença amiga.
Sê abrigo
aos seres da terra
e repouso aos seres dos ares.

Abençoada sejas,
pequena árvore,
com muitos anos.

Amém

BENÇÃO À ÁRVORE ANTIGA

Bendita sejas
árvore antiga,
irmã e amiga,
filha de Deus;
dos seres
não-caminhantes
és a primeira.

Bendita sejas,
querida criatura,
por tua lição
(serena e silente)
à criatura humana:

de gratuidade,
na oferta de tua
amena sombra
sob o sol escaldante;
de paciência
diante das mudanças
das estações e anos;
de permanência
sobre intempéries
e adversos tempos,
na busca do alto.

Bendita sejas,
árvore antiga,
o primeiro dos seres
não-caminhantes,
por tuas raízes
por tuas folhas
(flores e frutos)
voltados ao céu.

Bendita sejas;
amém.

ORAÇÃO AO BOM HUMOR

(Livre adaptação de uma oração composta por Sir Thomas Morus (+ 1535), quando de sua prisão pelo rei Henrique VIII. A aparente irreverência dessa oração, como bem lembra o ensaísta e poeta Ivan Junqueira (1934), revela antes uma “tradição especificamente inglesa que conjuga religiosidade e humorismo”. Tal tradição nos legou nomes como John Donne, Richard Crashaw e John Betjeman.)

Meu Senhor e meu Deus,
Doce hóspede de minha alma,
permita-me a Graça

de encontrar
a graça de viver o dia-a-dia.

Dá-me, Senhor,
antes de tudo,
a saúde do corpo
e o bom humor
para conservá-la.

Dá-me, Senhor,
a serena tranquilidade
para enfrentar
as buzinas dos carros
e a raivosidade dos chatos.

Dá-me, Senhor,
a oportunidade de escutar
e compreender
a graça de uma piada;
e não se esqueça
de dá-me também
a capacidade de partilhar
com os outros
um pouco de alegria.

Dá-me, Senhor,
segundo tua vontade,
vez em quando,
a condição de beber
com gente amiga
um bom aperitivo
(para celebrar a viva
alegria de estar com bons convivas);
e não se esqueça também
de no dia seguinte
me livrar da dor da ressaca...
(e caso tenha me excedido,
lembra-me de não esquecer
para não sofrer novamente,
no excesso, sem raiva.)

Dá-me, Senhor,
a graça de uma gargalhada;
principalmente diante do risível

de minha condição humana,
para enfrentar com bom humor
os infortúnios improváveis
e as preocupações inúteis;
pois bem sabes, Senhor,
que só o maligno
pode se levar demasiado a sério,
seguro que está na sua sisuda arrogância.

Dá-me, Senhor,
uma boa digestão
para poder saborear
a dádiva de uma comida;
mesmo que seja pão com mortadela
ou uma buchada nordestina !

E por fim, Senhor,
livra-me do tédio
e das des-graças da não vida;
dos resmungos,
dos suspiros e das queixas.
Dá-me, Senhor,
o senso do ridículo
e uma boa dose extra de paciência
para com os outros e para comigo.

Amém.

ORAÇÃO VESPERTINA

Graça Te damos, Deus,
pela oportunidade
de ter vivido mais um dia
em Tua presença;
luz infinita que inflama
o coração de Tuas criaturas.
Obrigado pela graça
da possibilidade de em minha vida
consagrar tudo (cada coisa, cada lugar)
ao resplendor da beleza
de Tua face divina.
Faz de minha vida
sinal de Tua existência,

faz de minha alma
lugar para Tua tenda,
faz que nessa terra
floresça a paz que é Tua.

Amém.

UMA NOVA BENÇÃO

Que a brisa,
borboleteando,
afague teus cabelos.

Que o mar,
tão indomável,
inspire teus passos.

Que a chama do amor
aqueça tua pele,
suavemente.

Enquanto a Terra,
tão materna,
cuide das entranhas de tua alma.

Que assim seja. Amém!

IV

O CANTO NOVO

Apesar das flores do mal
habitarem cada dia mais
os canteiros descuidados
de nossas almas profanas,
há de haver sempre
a Rosa Girassolada,
vestida de sol, a brilhar
em nossa carne sagrada:
sangue e corpo,
tendões e ossos (...)
inteiro ser que nos salva
do absurdo desumano
dos espíritos sem alma.

DA ESPERANÇA *(a partir de um sonho...)*

Na noite mais escura,
nas paragens noturnas dos sonhos,
minha alma passeia
sobrevoando as brumas de Tara.

Do alto, sobre a névoa,
vejo luzes pálidas
de uma antiga cidade,
e no seu centro... uma capela.

Desço ao chão e pelo vitral
entro no interior penumbrado,
tocado pelas luzes delicadas
de círios acesos aos santos.

Na nave central, um grupo passeia
peregrinando seus olhares...
enquanto um jovem padre
relembra a antiga história do templo.

Então alguém pergunta
pelas origens da gótica capela...
e o padre com emoção conta
uma curiosa história envolta em cena:

“Nas manhãs do tempo, antes
dos antigos nos escreverem seus feitos,
foi para cá destacado um zelador
para guardar e cuidar da capela.

Vindo de longe, sendo estrangeiro,
pode perceber coisas que a gente
do lugar não percebia de tão perto:
havia em todos um fatídico medo da noite...

um medo tremendo: um medo
que a noite não mais os deixasse... e por isso
velavam insones, no escuro dos interiores
dos seus lares, pela chegada do dia novo...

Isso, dia após dia, foi tomando
o zelador de uma tristeza e com-paixão
ele foi arquitetando um plano
para que todos acreditassem n'a-manhã.

Então, num dia qualquer, depois disso,
ele construiu um engenho mecânico...
um carrilhão de pássaros que cantavam
na hora mais escura da noite;

para que assim, os moradores pensassem
que a aurora era chegada... e tranqüilos dormissem;
matando o medo no seus corações;
tomados pelo medo que o sol não mais voltasse.

Assim foi... por anos: o carrilhão cantava
as vozes dos pássaros anunciando a aurora...
e os moradores, dessa forma, venciam o medo
e novamente dormiam, despertando seus sonhos.

Mas, o inevitável aconteceu... silenciando
a voz do zelador, já velhinho; e com ele
seu engenho tão zelosamente mantido

na torre da capela de Todos os Santos.

A vila toda correu pra velar pelo imóvel
corpo do zelador, amigo de todos e de todos
veio de novo visitar o antigo medo:
'quem haveria agora de anunciar a aurora?'

Silenciava no peito de todos a aflição
que novamente a noite não os deixasse,
já que não havia quem operasse o carrilhão
dos pássaros, silenciados pela morte...

Então um murmúrio de preces invadiu a capela,
onde o velho corpo era velado, com carinho e saudade,
feito de dor e medo, angustia e piedade,
mãos vazias entregues aos céus, corações apertados...

Então, algo estranho aconteceu... como milagre
um revoar de pássaros da alvorada cantavam em plena noite...
e todos perceberam que não estavam sozinhos
pois nunca estiveram: os pássaros lembravam Algo."

Então os peregrinos na capela
agradeceram ao padre pela história
e em paz voltaram para suas cidades sabendo
porque aquela igrejinha era a catedral da cidade.

Um outro padre que a tudo escutava
encostado em uma coluna, não muito distante,
observou o ir dos peregrinos... e disse,
por entre o enfado e a piedade:

"Jorge, caro amigo, por que ainda contas
essa antiga história ?... Hoje nela ninguém
mais acredita... não perca seu verbo, caro amigo!"
O outro, acolhendo com doçura

aquelas palavras, disse com serenidade:
"Mais do que nunca é preciso cantar na noite
os sonhos feitos com engenho e arte, para assim
despertar neles novamente uma luz...quem sabe."

UM CANTO NOVO (*O Hino*)

Dos quatro cantos
eleva-se um hino
tão novo e tão antigo
quanto as pedras.

Seus acordes são fiados
dos sonhos tecidos
por gerações de despertos
que habitam a Graça.

Suas notas silenciosas
espalham pelos ares
a lâmina das águas,
a luz dos lagos...

os tambores da terra,
a cítara dos mares;
a demarcar com mil tons
que Alto orchestra-se:

o hino, tão novo de tão antigo,
silente de tão estrondoso:
Aurora que se estrela
ao crepúsculo do inimigo.

V

DAS ESTAÇÕES DOS ANOS

Do mar nos vem o vento
que leva consigo
as lágrimas de chuva;
e varre as nuvens (para longe),
pesadas e escuras,
e prenuncia a primavera.
O verão, intenso e feérico,
nos deixa sereno,
em sua epifania;
o inverno tardará (agora).
No outono,
as folhas dispersas
no caminho
estão ofertas
entre gaivotas e golfinhos.

Das estações, um só tempo;
primícias e sementeiras.

No sempre, a mudança:
marés e moinhos.

O perene em um instante,
fugaz e tão (e)terno;
a certeza do sempre
e mesmo caminho.

MISTÉRICA ARTE

Sob uma antiga árvore
à beira do caminho
percorro a quietude
de tudo e corro ao encontro
desse outro que há
em cada canto do mundo:

no mais pequeno, no miúdo,
no efêmero, no diminuto;
assim como também
no mais extenso, no vasto,
no sublime e no imenso.

Eu apanho em cada flor
aquela gota de orvalho
que falta em toda estrela;
e contemplo em um voo
azul de borboletas
algo das vagas do mar distante.
Eu leio em cada concha
a memória das montanhas
e dos naufrágios humanos;
e percebo no luzir
das noites estreladas
o revoar dos vaga-lumes.
Eu cheiro no perfume dos jasmims,
destilados ao luar,
a evocação do invisível;
e no visível de uma canção,
a solar de uma flauta doce,
os acordes de um sonho.

E em tudo, eu re-colho e desentranho
aquela palavra impronunciada
e com ela destilo o verso urgente;
ofertando aos olhos gentis,
dos diversos leitores,
a esperança explícita de beleza
da explícita poesia
oculta em tudo...
Eu sinto em cada
parte de todo mundo
um canto uníssono
de um mesmo canto:
novo de tão perene,
antigo de tão único.

FAZ ESCURO, MAS EU CANTO...

"Faz escuro, mas eu canto

*Porque a manhã vai chegar.
Vem ver comigo companheiro,
(vai ser lindo) ouvir o povo cantar. (bis)
Vale a pena não dormir para esperar
a cor do mundo mudar. (bis)”*
(Thiago de Mello)

Diante da noite escura,
eu escuto teus passos
que se apressam em anunciar
a chegada do dia.

Eu escuto, dentro do silêncio,
teus passos seguros e firmes,
como a rubra barra do sol
a romper no horizonte.

Eu escuto teu canto sereno,
mas firme e confiante,
como os pássaros despertando
do longo sono da noite.

Eu escuto teus passos...
dentro da espera paciente;
do Amante a velar no escuro
a Amada que vem, clareando.

Eu sigo, adiante, o anúncio
da manhã que se gesta...
ao vagar das ondas e-ternas
afagando o dia; em cantos.

VI

A SENHORA DO VISGUEIRO

Em um canto esquecido
de um jardim selvagem,
depois das chuvas de janeiro,
entre musgos e pedras,

um anjo escarlate desce
num talo de grama verde clara;
para colher um buquê de orvalho
à Senhora do Visgueiro.

O Visgueiro, pai da mata,
que abriga em alta copa
miríades de seres, globu-
lares e pendentes flores vermelhas,

sabe que o anjo escarlate pretende
luzir seu carinho à Senhora
e ao Vigueiro, ancestral árvore,
compartilhar sua alegria telúrica...

em um en-cantado jardim selvagem
depois das chuvas de janeiro.

QUANDO UM DIA EU MERGULHAR NO GRANDE MISTÉRIO...

Quando um dia eu mergulhar no grande mistério
serei com os oceanos, os peixes e as vagas;
serei com as nuvens, a garoa e a brisa;
serei com as florestas, montes e vales;
serei com a chama, as fogueiras e suas brasas;
serei com os pássaros, as abelhas e as raposas;
serei com os lagos, rios e cachoeiras;
serei com as gaivotas, o salmão e os gatos;
serei (...)

Quando então eu mergulhar no grande mistério
verei por fim que desde o início
estou nele mergulhado;
e nele estava,
e tinha parte com ele
a todo momento...
desde o dia em que nasci
para os claros ocultos que há
em toda manhã,
nos sempre dos crepúsculos,
nas noites sem luar,
nas estrelas (agora) decrépitas.

Quando um dia eu mergulhar no grande mistério
saberei (finalmente)
que jamais me havia dele apartado
e era com ele que estava
e nele estou desde sempre.
E que todo o resto (digo, a existência)
é intervalo, reticência... vagas,
(gaivotas, gatos, colinas, mariposas,
o luar e estrelas, fontes e vales,
visgueiros e brisas, o fogo e a noite...)
o tudo e o nada;
quando um dia eu mergulhar no grande mistério.

AS CRÔNICAS DE ARSGOTT – Canto 7

O Ancião contempla a fogueira, agora, quase extinta... Vê-se em sua face, uma lágrima; quem sabe pelos irmãos que se perderam no caminho. Por aqueles que tombaram vivos, entre os mortos. Ele olha a fogueira que transmuta a matéria... e abre-se em canto:

Sobre a falésia, diante
do mar revolto em ondas,
castigado pela fúria das Eras,
o círculo do perene – o antigo
e o novo – fita o ocidental
horizonte anunciar-se escuro.

O olhar daqueles que olham
a nuvem escura que avança

é impassível e penetrante;
raios de luz, cantos e trovões,
ditam o sentido do conflito...

Aqui, os poucos restantes,
os que foram fiéis ao Espírito,
conformam-se em escudos e lanças,
lançando ao Alto a Palavra que salva:
o Impronunciável Nome...

Então as águas despertam
como fonte em terra seca...
e das pedras escuta-se o grito
das árvores que se contorcem...
e as nuvens escuras param,
resplandecendo no horizonte o Fogo.

Os anjos se movem sobre
as águas do abismo, novamente,
e tecem a Porta.
A coluna que em luz converte-se,
anuncia a Nova Aurora:
o crepúsculo do dias, a Volta
ao início, a primavera sempre...

Os que fitam o Oeste,
em Oriente convertido,
voltam-se ao Sul,
o novo Norte:
uma nova estrela re-brilha
no horizonte humano
de tão divino...
restando o en-canto vivo, dos antigos
e dos novos, o (e)terno sonho.

Depois de entoar este canto, Taliesin partiu em direção à floresta que fica à beira mar. Ele partiu... deixando no ar um perfume antigo, mas também novo. E ainda hoje suas palavras são escutadas na brisa, no murmúrio das fontes, no tilintar das pedras ao sol, no bruxuleio das fogueiras no meio do ano... Ele re-nasce em cada manhã, conosco... e quando a noite chegar, novamente, ele irá cantar pra nós o perene Canto Novo.